

Literatura de Cordel

RAIMUNDO SANTA HELENA

DRUMMOND



Folheto 100: O último do autor-58 anos
Desenho da capa: Wilton Arruda-18 anos

DRUMMOND

No ano 2 deste século
Numa serena cidade,
Minas Gerais, Itabira,
Nasceu com facilidade
Um menino, que chorou,
Seu pai logo batizou:
Carlos Drummond de Andrade.

Foi rara felicidade
A vinda desse menino -
Em 64 anos
Mudou até o destino,
Como cronista da vida;
Cada obra produzida
Tem duração de um hino.

Como se fosse divino,
Drummond jamais se cansou;
Suas palavras no texto
São pingos do que pensou,
Chuviscando na poeira,
No verde, na cachoeira,
Na raiz que se plantou.

Nossa Terra Drummondou,
Escorrendo poesia,
Misturada com a prosa
Do real, da fantasia;
O Drummond biografiei,
A um japonês mostrei,
Me disse que já sabia.





DRUMMOND

No sabadoyle um dia,
Fiz 13 pontos na sorte:
Drummond ficou ao meu lado;
Na minha sede do Norte,
Como vate de cordel,
Bebi ali no tonel,
Água pura do mais forte.

Secretamente, a morte
Brotou no raciocínio
Deste poeta-reporter...
Mas recobrei meu domínio -
Pensei: Drummond vai viver,
Por Deus, não vou cometer
Fictício assassinio!

No seu linguajar-fascínio
Pro Samuel Wainer Filho,
Na reportagem que eu
Provoquei, buscando brilho
Praquele dia sem Nava,
O Drummond quando falava,
Era debulha de milho.

Mudei de rumo, de trilho,
Como fazem bons artistas,
Renovando repertórios,
Gerando novas conquistas;
Drummond vive, eu também,
Vamos passear de trem,
Como vates bucolistas.

Encontrei os repentistas
Só comendo pó com vento;
Fiz o que pude, mas não
Lhes consegui alimento
Que saciasse a fome;
Venha outro e me tome
Os espinhos do assento.

Novent' e nove por cento
Do meu trabalho escrito,
Combatendo injustiças,
Pelo povão dei meu grito;
Em um por cento falhei,
Com feras me defrontei,
Pra elas virei cabrito.

Nos espaços do apito,
Num vagão de passageiro,
Faço breve despedida
Como quando marinheiro,
Que parti no meu navio
Pra singrar o mar bravio
No caturro traiçoeiro.

"Seios Nus" foi o primeiro
Folheto e ficou bom;
E no último eu rimo,
Não na letra mas no som;
You badalar um sininho,
Lá longe, pequenininho,
Na estação de Drommond...FIM

Meu amigo GILSON, o famoso poeta popular dos tapumes, o mago do giz, foi preso derramando poesia no chão do camelódromo. Chamá-lo de pichador, é tão falso quanto chamar Joaquim Cruz de perna-de-pau.

LITERATURA DE CORDEL

RAIMUNDO SANTA HELENA

Produção de Yara Ledo Maltez,
caixa postal 17055, Rio, 21312

"Deus e o Mundo" "O melhor folheto de cordel
produzido no Brasil em 1980" ("The Brazilians")

"É um libelo ao mesmo tempo belo, forte e justo"
(Umberto Peregrino);

é a coisa mais séria que já li no Cordel" (Raimundo Gomes)

Me revolto quando vejo companheiro
Infiltrado no clamor da multidão
Contratado por conceito ou dinheiro
Pra vender a liberdade do irmão
Mas sabemos que daqui a poucos anos
Nós veremos nos jazigos dos profanos
Mãos vazias mendigando outra mão
Pro Inferno vai a alma dos tiranos...

Quando vejo tanta gente desunida
Todo mundo porta-voz querendo ser
E por isso nesta luta descabida
Sua força não se pode conhecer
Cada órgão deste ser estilhaçado
É comido pelo cão esfomeado
Que recebe prato pronto pra comer
União é respeitar o mais votado...

Se um dia labaredas do Dragão
Ofuscarem dos meus versos as centelhas
Quero ter na minha cova inscrição
Só com letras do meu sangue bem vermelhas
Avisando que viveu neste cortiço
Um poeta revoltado que por isso
Foi expulso do enxame de abelhas
Como foi da Santa Sé meu Padim Ciço...

Santa Helena





Daniel de Lima

repentista

José de Lima de Caruaru

Procurei nos estrondos do trovão,
 Na tristeza do cego João de Lima,
 No olhar de seu filho bom de rima
 Companheiros pra minha solidão.
 Meia-noite deitei, escuridão...
 O relâmpago entra e produz
 Lá no teto imagens duma cruz
 Com o Filho de Deus crucificado.
 Duplamente meu rosto foi banhado.
 Nós choramos: poeta e Jesus...

A gente chora por quem
 Geme na dor que não sai;
 Choramos por quem se vai
 Morar com Deus no Além;
 Choramos quando se tem
 A solidão que eu sinto;
 Pelo meu cordel extinto;
 Chorou Dona Beatriz
 Pelo folheto que fiz
 Pra seu pai Roquette-Pinto.

Raimundo Santa Helena

Suas denúncias são

contundentes e irrespon-

dáveis" (Osório Peixoto).

Produção de Yara Ledo Maltez, caixa postal 17055, Rio, 21312.

"R. Santa Helena é a reencarnação de Cusca de Santo Amaro - Zé Limeira" (Joseph Luyten). "É a mais alta expressão da cultura popular" (Rodolfo Coelho Cavalcante)

Literatura de Cordel – Raimundo Santa Helena

Folheto 100-166-1230. Rio, Brasil, 7-10-1984, 20 mil exemplares. 1ª edição. Produção artesanal de Raimundo Santa Helena, poeta do Sertão de Cajazeiras, Paraíba, de onde fugiu com 11 anos de idade pra vingar a morte de seu pai assassinado por Lampião em 9-6-1927. Mas chegou em Fortaleza como pau-de-arara, dormiu na sarjeta, comeu restos de comida, porém se reabilitou trabalhando 13 horas por dia e estudando à noite num galinheiro, à luz de lamparina. Ingressou na Marinha e hoje é ex-combatente remunerado. Com este folheto completa 166 títulos de cordel publicados, com um milhão e 230 mil exemplares divulgados no Brasil e no estrangeiro. Santa Helena em 5 anos foi citado mais de 270 vezes nos jornais, revistas, rádio e TV, de maneira positiva, pelo seu trabalho em defesa da Literatura de Cordel, com 291 palestras, etc., nas escolas, exposições e imprensa. É Sócio Benemérito da Ordem Brasileira dos Poetas Cordelistas, fundada pelo notável escritor Rodolfo Coelho Cavalcante. RSH foi agraciado pela Ordem com os títulos de "Cidadão da Cultura Popular" e "Cavalheiro da Ordem dos Cantadores". Fundou a Cordelbrás. No pleito de 25-8-83 da Academia Brasileira de Letras, teve 4 votos. Foi eleito Acadêmico Efetivo da Academia de Letras e Artes do Rio de Janeiro (ALARJ). Yara Ledo Maltz, caixa postal 17055, Rio, CEP 21312 - ou Cordelbrás, Feira Nordestina de São Cristóvão, aos domingos, entre o Parque das Crianças e a Igreja, à sombra de uma árvore. Toda minha produção literária pode ser reproduzida com citação da autoria.

Raimundo Santa Helena

O Poeta Repórter

LEIA

FRUSTRAÇÕES DE UM SERTANEJO

500 trocas de nomes, coisas, fatos e hábitos sertanejo no Rio de Janeiro, você verá nesta magnífica obra de Santa Helena



CORDELBRÁS

Registrada no 6º Ofício
do RTDERJ sob o nº
18.547, livro H-6

Foto a bordo do navio "Barão de Teffé" (Rio, 3-10-1983)

Folheto n.º 100 - 0
Último de Santa Helena

missão cumprida

O comandante, capitão-de-mar-e-guerra Fernando José Andrade Pastor de Almeida, antes de passar o comando do navio prestigiou o poeta de cordel Raimundo Santa Helena, autor do folheto "O Brasil na Antártida", oferecendo-lhe um coquetel e na despedida ordenou que o marinheiro apitasse o toque de Oficial Superior em homenagem à Literatura de Cordel e aos cantadores repentistas do Brasil. Na foto os cumprimentos finais à escada do portaló. "Um povo civilizado ama e respeita a sua cultura popular" (Alceu de Amoroso Lima - Tristão de Ataíde).